

A LEITURA LITERÁRIA: PENSANDO O SEU LUGAR E PROPONDO UMA (RE) DESCOBERTA

Flavia Maia Bomfim
Mestrado/UFF
Orientador: André Dias

Se ponho a mão no fogo, disse um homem, me queimo; se enfio uma faca no corpo, sangro; se tomo tequila, fico bêbado; mas um livro não me faz nada, só se você jogar um na minha cara.
(David Toscana)

O presente trabalho se propõe a compreender qual é o lugar da leitura, e, especialmente da leitura literária, na contemporaneidade, em meio a uma crise da leitura (ou do seu *status*), na tentativa de propor um (re)encontro com o discurso literário, em que se pressupõe a presença do enunciador, do enunciado e do enunciatário.

Demonstrando essa crise da leitura, propomo-nos a fazer um diagnóstico dos motivos que levaram a tal crise, tais como os fetiches que circundam o texto literário. Com o advento da tecnologia digital, tenho por análise a nova imposição na ordem dos discursos em que a leitura e o livro figuram. Aparentemente, vivemos numa democracia em que nos cabe a escolha dos gostos pessoais, dentre eles, o que se vai ler. No entanto, tais escolhas são mascaradas por, na verdade, imposições subliminares que nos chegam de várias formas – mormente através das mídias de tecnologia da informação. Com o discurso de liberdade nas escolhas, de múltiplas possibilidades de leitura, de variedades dos gêneros, temos a falsa impressão de que dominamos os meios por que os produtos culturais chegam às nossas mãos como se fossem, de fato, resultados de escolhas nossas. Em verdade, todos somos enredados por alternativas pré-concebidas, pelos mercados, pelas ideologias sociais, pela cultura de que fazemos parte.

Neste caso, de todos os meios de ação que a classe dominante dispõe para determinar o funcionamento do fenômeno literário, o mais importante é a escola. Ela constitui o instrumento privilegiado de dominação de classe, pois é nela obviamente que o homem aprende a

ler – aprende a assimilar pela leitura seus “valores universais” de dominação. Ficaríamos em dúvida quanto à mesma importância e à força de outro meio de dominação pela palavra – os meios de comunicação de massa (FILHO, 2002: 26).

Ao identificar o papel da escola nesta crise, e considerando o ensino de literatura, percebe-se de que forma a abordagem em sala de aula contribui para a reiteração de uma relação desgastada. Propõe-se, pois, analisar o que se tem por documento oficial para direcionar o ensino de literatura nas escolas, como programas unificados, parâmetros curriculares, tópicos de currículo mínimo, bem como livros didáticos (e paradidáticos). Essa análise tem por objetivo entender quais são os currículos até então considerados imprescindíveis na Educação Básica, especialmente no Ensino Médio, e questionar, além do que eles têm em comum, também a aplicabilidade desses conteúdos elencados no reencontro com o discurso literário. O professor tem uma importância fundamental nesse processo de mediação entre o aluno e a cultura letrada, considerada clássica ou não, como aquele, não detentor do saber e do vernáculo literário congelado nos cânones, mas sim como o que vai possibilitar o encontro e analisar todas as nuances que deste encontro podem resultar.

É lugar comum ainda lembrar que o professor de literatura é um professor de civilização. E, como consequência desse ideal de reserva, a literatura não se situa no território de sombras de uma tradição de cultura falida – algo feito para a fruição e enfeite: ela é conhecimento produzido historicamente, além de ocupar, na prática cultural, um lugar de privilégio como exercício de liberdade, de inquietação e de perplexidade (*Ibidem*: 13).

O trabalho objetiva sugerir uma nova abordagem no estudo de literatura nas escolas a partir da valorização da leitura literária, na tentativa de promover o encontro efetivo entre alunos do Ensino Médio e o hábito (e prazer) de ler. Além disso, não se pode fechar os olhos para o fato de a discussão sobre a leitura hoje estar totalmente vinculada com a discussão sobre o uso das tecnologias de informação e de apropriação de leituras através de meios digitais. Há de se considerar as novas tecnologias e seu suporte único que abrange praticamente todos os gêneros. Além da crise da leitura, há uma crise do suporte de leitura, uma vez que era comum considerar o suporte como um dos elementos para identificar característica padrão de gênero. Agora, é como se todos os gêneros se acomodassem num único suporte. Cabe então uma leitura atenta para

outras características conservadoras. Novas cenas de leitura estão, pois, em jogo no cenário da literatura contemporânea e da literatura clássica lida nos tempos atuais.

O novo suporte do escrito não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez. Porém, ele impõe uma redistribuição dos papéis na “economia da escrita”, a concorrência (ou a complementaridade) entre diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos. O texto eletrônico, em todas as suas formas, poderá construir o que não puderam nem o alfabeto (CHARTIER, 2002: 117).

Os autores que sustentarão essa análise, já há algum tempo, debruçam-se sobre questões próximas ao objeto de nosso estudo, como Luís Felipe Ribeiro, Mario Vargas Llosa, Mikhail Bakhtin, Marisa Lajolo, Ricardo Piglia, Alberto Manguel, Ítalo Calvino, Roger Chartier, Terry Eagleton, Jean Paul Sartre, entre outros.

Afinal, qual é o papel da Literatura na escola? Formar cidadãos mais conscientes de seu lugar no mundo a partir do momento em que leem o mundo através da literatura? Formar pessoas com um maior grau de autoconhecimento ao acessar outras formas de se conceber o ser, através dos textos literários? Ou longe de dar as respostas, trazer mesmo mais inquietações e perguntas? Estudemos, pois, para apontar novos caminhos. Ou novas perguntas.

Muito se discute sobre o papel da literatura no Ensino Médio e sobre sua função no desenvolvimento individual do aluno. A literatura é, antes de mais nada, uma manifestação artística e, como tal, ao submetê-la à condição de disciplina escolar, torna-se limitada devido as imposições de grades curriculares e de metas por cumprir nas escolas. Sendo uma arte que trabalha com o discurso está sempre passível a mudanças até mesmo de especificidades e a escola não acompanha esta mudança da literatura. Em muitos casos, continua se priorizando o estudo da historiografia e de alguma teoria literária e, dificilmente, problematizam-se as questões que envolvem o fazer literário.

O primeiro passo é entender como está o ensino de literatura e verificar também a entrada do texto literário na sala de aula, para, a partir desse diagnóstico, em que podemos analisar os fetiches que rondam o conceito de literatura, analisar como a recente disposição dos discursos, principalmente com o advento das novas tecnologias, pode se adaptar às configurações que regem as escolas.

Será mesmo utilitária a presença da literatura na escola? Ela teria, pois, uma qualidade funcional sim, mas não utilitária, como entendemos os outros ramos do conhecimento?

Enfim, a importância da literatura como matéria formadora humana é que, talvez, paradoxalmente, ela não tenha importância alguma. E é nessa sem importância que ela permanece e se preserva como um dos últimos resquícios da humanidade que sobrevive em cada um de nós (FILHO, 2002: 18).

A leitura atenta e fluida do texto literário, como um hábito prazeroso, proporciona o contato com uma das mais ricas dimensões da cultura e não pode ser tratada como digna de poucos ilustrados, como se estivesse imersa numa zona de inacessibilidade restrita aos poucos que a compreenderiam. Isso, às vezes, funciona como uma defesa daqueles que querem manter o *status quo* de especialistas e reiteram a dificuldade da leitura do texto de literatura como se esta só pudesse existir para um grupo de privilegiados detentores dos códigos e das chaves para acessar tamanho rebuscamento. O professor de literatura que corrobora com essa prática faz um desserviço à aquisição de cultura e ao progresso do indivíduo, além de sonegar ao aluno o direito de viver essa experiência que é conhecer o mundo através do viés literário, que definitivamente não se restringe a um mundo de invenções ou ficções, mas de verdades pressentidas.

Borges se irritava quando lhe perguntavam: “Para que serve a literatura?” Parecia-lhe uma pergunta idiota e ele respondia: “A ninguém ocorreria perguntar qual é a utilidade do canto de um canário ou dos arrebóis do crepúsculo!” De fato, se essas coisas belas estão ali e, graças a elas, a vida, mesmo que seja por um instante, é menos feia e menos triste, não é mesquinho buscar-lhes justificativas práticas? No entanto, à diferença do gorjeio dos pássaros e do espetáculo do sol se pondo no horizonte, um poema, um romance, não estão simplesmente ali, fabricados pelo azar ou pela Natureza. Eles são uma criação humana, e é lícito indagar como e por que nasceram, e o que deram à humanidade para que a literatura, cujas origens remotas se confundem com as da escrita, dure há tanto tempo (LLOSA, 2004: 380).

A vida só existe enquanto experiência compartilhada. Mesmo nas histórias ditas reais, valemo-nos de estratégias narrativas (e/ou literárias) para dar-lhes vida ao recontá-las. E, nesse ínterim, o que surge não é o que de fato aconteceu, mas o que foi contado.

É o discurso que sobrevém ao fato. A literatura vem “servir”, pois, para julgarmos a vida que poderia ter sido já que está sendo contada. Então será sempre um julgamento.

No trabalho escolar, os textos devem figurar como centro, como eixo de todo o processo de ensino-aprendizagem. A partir dele, contextualiza-se e entende-se o lugar do sujeito escritor, do sujeito criação do escritor para contar a história (narrador, eu lírico), do momento histórico, dos objetivos do enunciador, das estratégias estilísticas de efeito etc. O trabalho do professor de literatura torna-se, portanto, imprescindível, pois ele levará sua sensibilidade de leitor, seu olhar de especialista da linguagem e sua experiência como educador para a promoção deste encontro e condução dos alunos para suas próprias descobertas e autodescobertas a partir da leitura do texto literário.

O objetivo é sugerir que as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre um texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com *o que o texto diz*, mas reside no *modo como o texto diz o que diz*. Nesse sentido, é necessário que os elementos do texto selecionado como gerador de atividades levem o aluno a observar mais de perto procedimentos realmente relevantes para o significado geral do texto (LAJOLO, 2001: 50).

Há toda uma complexidade no fato literário e seu estudo não pode se restringir à mera contemplação das obras consideradas canônicas. Dessa forma, a tendência minimamente consciente é perceber a literatura como uma atividade que, por si, teria como emblema tornar possível a sociabilização, a criação de hábitos de leitura ou de escrita, a prática da interpretação, a análise dos ditames que envolvem sua aplicabilidade – ações de editoras, posturas de mercado, escolhas de obras para resenhas, prefácios, posfácios, critérios para ascensões midiáticas nas academias, nas críticas, nos programas escolares, etc.

Considerações finais

A linguagem é um meio de expressão dotado de significados próprios e a literatura, como aquela que potencializa experimentalmente ao máximo a linguagem, forma opinião e seus efeitos são inverificáveis. Toda enunciação é um jogo complexo de relações entre falante e ouvinte; mais ainda será com a enunciação literária entre o escritor e leitor, visto que aquele, em sua criação, está disposto a usar os mecanismos da

ambiguidade próprios de seu objeto de trabalho. O significado não é imanente ao texto. É uma produção resultante do confronto entre historicidade do leitor com a do autor e, num mundo “dito real”, que é fragmentado, a literatura funciona como a que vai tentar deixar o mundo recriado menos segmentado, pois vai trabalhar com denominadores comuns. Na introdução deste trabalho, quer-se marcar o enriquecimento da leitura de mundo que se obtém com a leitura do texto literário através de suas especificidades.

Ao longo do trabalho, a proposta é reconhecer a crise da leitura do texto literário, fazendo um diagnóstico a partir da análise de autores que já se debruçaram sobre o tema. Identificando os fetiches que circundam o texto literário e, por conseguinte, o trabalho escolar feito com ele. Pode-se analisar, a partir daí, a nova ordem dos discursos em que a leitura e o livro figuram.

A proposta é analisar como se dá o ensino de literatura nas escolas na atualidade. Se há uma valorização da leitura do texto literário a partir do planejamento das aulas, da escolha do material didático e paradidático, da organização dos conteúdos curriculares ou uma valorização aos conceitos teóricos que plastificam o ensino e restringe-o a uma mera explanação através da linha do tempo e dos movimentos literários, não enfatizando obras, discursos e contextos.

Por fim, a partir da escolha de textos literários curtos, propor um trabalho na escola em que se possam aproveitar vários aspectos do conhecimento e da fruição que um todo significativo artístico-literário oferece no momento de sua análise e leitura.

A literatura, a leitura do texto literário representam um meio para tornar a realidade imediata mais familiar para quem lê. Todo o encantamento, perplexidade, estranhamento que a literatura pode provocar em seu leitor servem para seu crescimento individual e sua formação como indivíduo. É uma forma de alcançar a liberdade através de outras formas de vida insinuadas.

Referências (Obras consultadas e a serem consultadas)

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (trad. Vinícius Nicastro Honesko). Chapecó: Argos, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1993.

- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. P. 186-208.
- CALVINO, Ítalo. “Por que Ler os Clássicos”. In: _____. *Por que Ler os Clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 9-16.
- _____. “A aventura de um leitor” (trad. Raquel Ramallete) In: _____. *Os amores difíceis*. São Paulo: Cia das Letras, 2013. p. 81-96.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- _____. *Se um viajante numa noite de inverno* (trad. Nilson Moulin). São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CARNEIRO, Flávio. *O leitor fingido*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira & MELLO, Celina Maria Moreira de (Org.). *Cenas da literatura moderna*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida” In: _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói, Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2012. P. 174-192.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura – Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FILHO, Antenor Antônio Gonçalves. *Educação e Literatura*. Rio de Janeiro: DP&A Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- LLOSA, Mário Vargas. “A verdade das mentiras”. In: _____. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães São Paulo: ARX, 2004. P. 15-30.
- LLOSA, Mário Vargas. “A literatura e a vida”. In: _____. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães São Paulo: ARX, 2004. P. P. 377-395.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura* (trad. Pedro Maia Soares). São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leyla & MELLO, Maria Elizabeth Chaves de (Org.). *De volta a Roland Barthes*. Niterói: EDUFF, 2005.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor* (trad. Heloísa Jahn). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Luis Filipe. “O fetiche do texto e a história” In:_____. *Mulheres de Papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: Eduff, 1996.

RIBEIRO, Luis Filipe. “Globalização e Literatura” In:_____. *Geometrias do Imaginário*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1999.

SADER, Emir (Org.). *Contra-corrente – o melhor da New Left Review em 2000*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTIAGO, Silviano. “Uma ferroada no peito do pé”. In:_____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. P. 33-46.

_____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1989.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

TOSCANA, David. *O último leitor* (trad. Ana Lúcia Peregrino e Magali Pedro). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

VILA-MATAS, Enrique. *O mal de Montano* (trad. Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista). São Paulo: Cosac Naify, 2004.